Revista da ANPEGE. v. 16. nº. 31, p. 360 - 376, ANO 2020. e-ISSN: 1679-768X
https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege. // DOI 10.5418/ra2020.v16i31.10991

ESPAÇO E LITERATURA NA PAISAGEM CULTURAL: Referências francesas nas cidades de Goiás e Goiânia no início do século XX

L'ESPACE ET LITTÉRATURE DANS LE PAYSAGE CULTUREL: Références françaises dans l'imaginaires des villes de Goiás et de Goiânia au début du xxème siècle

SPACE AND LITERATURE IN THE CULTURAL LANDSCAPE: French references at Goiás and Goiânia's city imaginary at beginning of 20th century

Valéria Cristina Pereira da Silva - UFG

RESUMO

O presente trabalho busca compreender a constituição do imaginário urbano das Cidades de Goiás e Goiânia a partir de referências e influências francesas recebidas no início do século XX. O estudo envolve a relação entre espaço e literatura na constituição do imaginário dessas cidades. As referências francesas em Goiás e Goiânia dão-se a partir de vários processos identitários que vão marcar a paisagem e a memória urbana, sobretudo a partir do fascínio que a capital francesa, Paris, teve na constituição das paisagens locais goianas e no modo de vida. A partir do olhar estrangeiro e de uma relação de alteridade que ficou registrada na literatura e na imprensa, Goiânia e a Cidade de Goiás procuraram simular e criar referências que conectavam o modo de vida local ao universo francês com imagens, signos linguísticos e plásticos, vistos de modo estético e estilístico que forjavam pertencimentos e alteridades num singular conceito de paisagem cultural.

Palavras-Chave: Alteridade, imaginário; literatura; olhar estrangeiro.

RÉSUMÉ

Ce travail cherche à comprendre la constitution de l'imaginaire urbain des villes de Goiás et de Goiânia à partir des références et des influences françaises reçues au début du XXème siècle. L'étude se penche sur la relation entre espace et littérature dans la constitution de l'imaginaire de ces villes. Les références françaises à Goiás et Goiânia s'élaborent à partir de divers processus identitaires qui vont marquer le paysage et la mémoire urbaine, surtout à partir de la fascination exercée par la capitale française, Paris, fascination qui a façonné les paysages locaux goianos mais aussi le mode de vie. À partir du regard étranger et d'une relation d'altérité qui fut relatée dans la littérature et la presse, Goiânia et la Cité de Goiás ont cherché à simuler et à créer des références qui reliaient le mode de vie local à l'univers français, avec des images, des signes linguistiques et plastiques, des perceptions esthétiques et stylistiques qui ont forgé des appartenances et des altérités dans un singulier concept de paysage culturel.

Mots-clés : Altérité; Imaginaire; Littérature ; Regard étranger.

ABSTRACT

This article search understand the constitution of the Goiás City and Goiânia urban imaginary from french references and influences receives at beginning of 20th century. This study involves the relationship between space and literature in the constitution of this cities imaginary. French references at Goiás City and Goiânia are going from various identity process that will mark the urban landscape and memory, especially, from the fascination by French's capital, Paris, had in the constitution of Goiás landscapes and way of life. From the foreign looking and otherness registered at literature and press, Goiânia and Goiás City tried to simulate and to create that connected the local way of life with french universe through images, linguistics and plastic signs, seen at esthetic and stylistic that forging belonging and otherness at a singular civilization concept.

Keywords: Foreign Looking, Imaginary, Literature, Otherness.

Introdução

É notável que toda cidade brasileira com uma importância capital, no contexto regional ou nacional do país, tenha sofrido influências europeias, principalmente no final do século XIX para o XX. Nesse contexto, a França, como referência cultural para as elites locais, era um país de imagens-desejo ao qual se almejava pertencer, igualar, parecer. Paris consolidava-se como uma espécie de capital do imaginário de onde proviam imagens, modos e gestos que tiveram ressonância nos mais longínquos sertões, alcançando as distantes e desconhecidas terras goianas, sobretudo na antiga capital, a Cidade de Goiás, e emergiria como um processo contínuo na nova capital, Goiânia, onde tais influências francesas marcariam tanto a paisagem como a expressão cultural dela, ao influenciar de modo incisivo a literatura regional e o modo de vida que será expresso nessas duas cidades capitais.

Buscamos examinar como essas referências vão se fixar nesta paisagem cultural, trazendo para a Cidade de Goiás e Goiânia uma espécie de *Belle Époque* dos trópicos, tardia e, por vezes, caricata. Para a compressão e identificação desse processo de influências e no que ele resultou é importante compreender que este ocorreu em forma de referências, citações, simulacros, hábitos e gestos e é importante também examinar como foi esse contato com a cultura francesa e como ocorreu esse processo de assimilação e representação.

Desse modo, este trabalho teve por objetivo compreender as paisagens culturais da Cidade de Goiás e Goiânia a partir desse referenciais franceses e como tais referências marcam suas temporalidades e consolidam um período de constituição identitária que plasmaram na cultura desses locais um modo de perceber o mundo, de lê-lo e de constitui-lo. Trata-se, portanto, de apresentar os resultados de um processo que engendra a formação da imagem e do imaginário dessas duas cidades capitais que tiveram mais rupturas do que continuidades, mas, se há um seguimento entre esses dois espaços, ele é marcado por esse processo de influências estrangeiras e referenciamentos, aos quais nos deteremos nas influências francesas e em seu processo de alteridade.

A paisagem cultural é compreendida aqui de acordo com a conceituação de Sauer (2012) em que o conteúdo da paisagem consiste em seus elementos físicos e culturais. Para Sauer (2012, p.192), a segunda metade da paisagem, vista como uma unidade bilateral, é sua expressão cultural e a cultura emerge assim em sua expressão fenomenológica e geográfica. A união entre paisagem e literatura visa expressar a força dessa paisagem cultural compreendida como uma trama intertextual inseparável. Como afirma Moretti (2003), a geografia não é um recipiente inerte ou uma caixa onde a história cultural ocorre, mas uma força ativa que incorpora o campo literário em profundidade e pode-se manifestar como o estudo do espaço na literatura ou da literatura no espaço. No caso que investigamos, há um trânsito de mão-dupla entre espaço e literatura que se sobrepõe no modo de vida dessas capitais no início do século XX, inspiradas pelo imaginário e pelas influências europeias.

A metodologia empregada na presente pesquisa consistiu principalmente na análise fenomenológica da paisagem urbana e cultural, com base em pesquisa documental, no IHGG (Instituto Histórico e Geográfico de Goiás), no Jornal *O Lar* que circulou entre a década de 1920 e 1930, em entrevistas e registros iconográficos de Goiânia e Cidade de Goiás, além dos textos literários e documentos que contêm referências francesas sobre o modo de vida expressando a paisagem cultural. A fenomenologia foi fundamental nesse trajeto, pois, segundo Bachelard (1993) imaginário são imagens da imaginação. A imaginação que se distingue absolutamente da memória, mas se conjuga com ela quando manifestação no espaço e fusão entre Geografia e Literatura. Uma contribuição irretocável a nós colocada como possibilidade, quando observamos que existem traços a serem mais bem compreendidos tanto na paisagem como na literatura, o que torna este um trabalho de abordagem cultural que perspectiva, a partir desta relação entre Geografia e Literatura, descortinar o mundo vivido desses sujeitos e as imagens com as quais forjaram suas paisagens e suas práticas.

As capitais goianas que receberam de maneira estética, estilística e ritualística influências exteriores são paisagens urbanas intertextuais marcadas em seu espaço por esse imaginário

das longínquas terras francesas, onde as narrativas poéticas e literárias chegavam primeiro. O simbolismo que deu marcha a essa identidade cultural envolve a paisagem e a literatura e são traços fundamentais nesse processo de criar e recriar, geradores do urbano dos modos de ser, pertencer e sentir. Relacionar paisagem e literatura é abrir uma janela para o sensível, no qual se cruzam diversos tipos de imagens que correspondem a traços de memória e do imaginário e é isso que constitui verdadeiramente a paisagem urbana. A literatura pode interferir num lugar, numa paisagem, pois, se é ela que registra, descreve e guarda aspectos do tempo, é também ela a capaz de modelar o espaço por ser difusora de ideias e de práticas, ou seja, detentora de uma estética que interfere no vivido. A cidade é, por excelência, o lugar da vivência literária, onde o texto urbano transforma-se em páginas escritas e, de maneira sobreposta, o vivido é influenciado pelo texto literário.

Alteridade, imagem e olhar estrangeiro

A via literária é o primeiro modo de alteridade, de relacionar-se com o outro, com o que vem de fora. Era a literatura a viagem antes da viagem, ou seja, as relações entre o estrangeiro, o exterior e o vivido no local – dialética do dentro e do fora – ocorriam, principalmente, por meio de textos, de narrativas, de literatura e, depois, de viagens. Assim, o primeiro contato vinha, principalmente, a partir de processos educacionais, nos quais aqueles que tinham acesso às letras tomavam contato bem cedo com ensino de língua francesa. Nos Liceus, ensinava-se o idioma e, por meio da língua, era dado o acesso a elementos da cultura francesa, sobretudo à literatura.

É significativo desse modelo de educação o exemplar de gramática francesa ilustrado na figura 1 como indicado na capa, o mesmo tem uma dedicatória à "mocidade goiana". Ou seja, as pessoas que detinham capital cultural e econômico possuíam uma "biblioteca francesa", como se vê hoje no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, por exemplo, a biblioteca francesa de Genesi Natal e Silva – uma das autoras do jornal *O Lar* – esposa de Colemar Natal e Silva, homem público, proprietário da primeira casa de Goiânia, localizada em frente à Praça Cívica, área central da cidade, onde se situa hoje o Instituto Histórico e Geográfico que leva o seu nome.

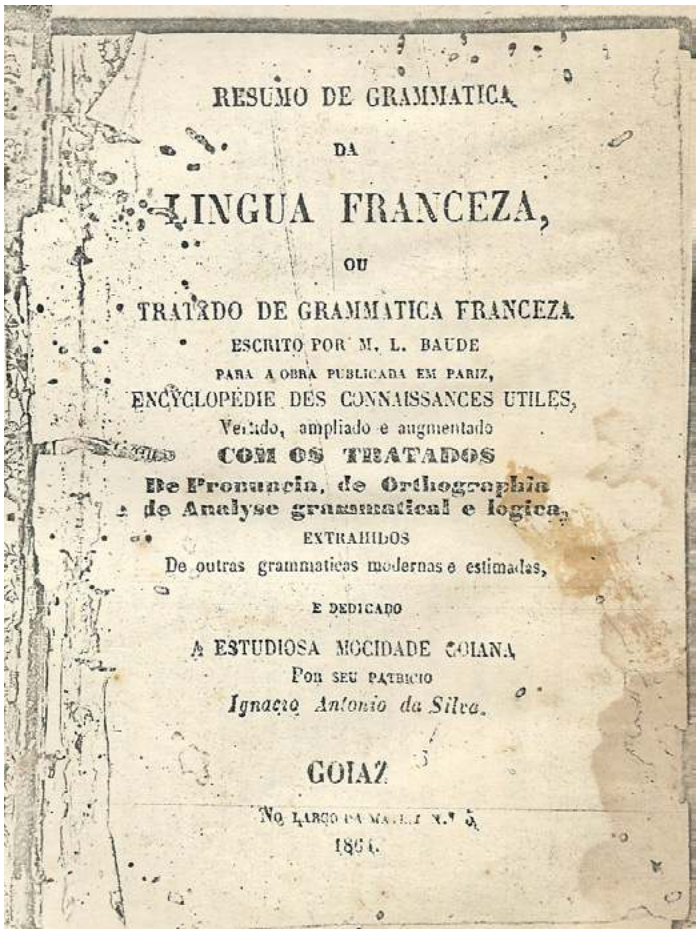
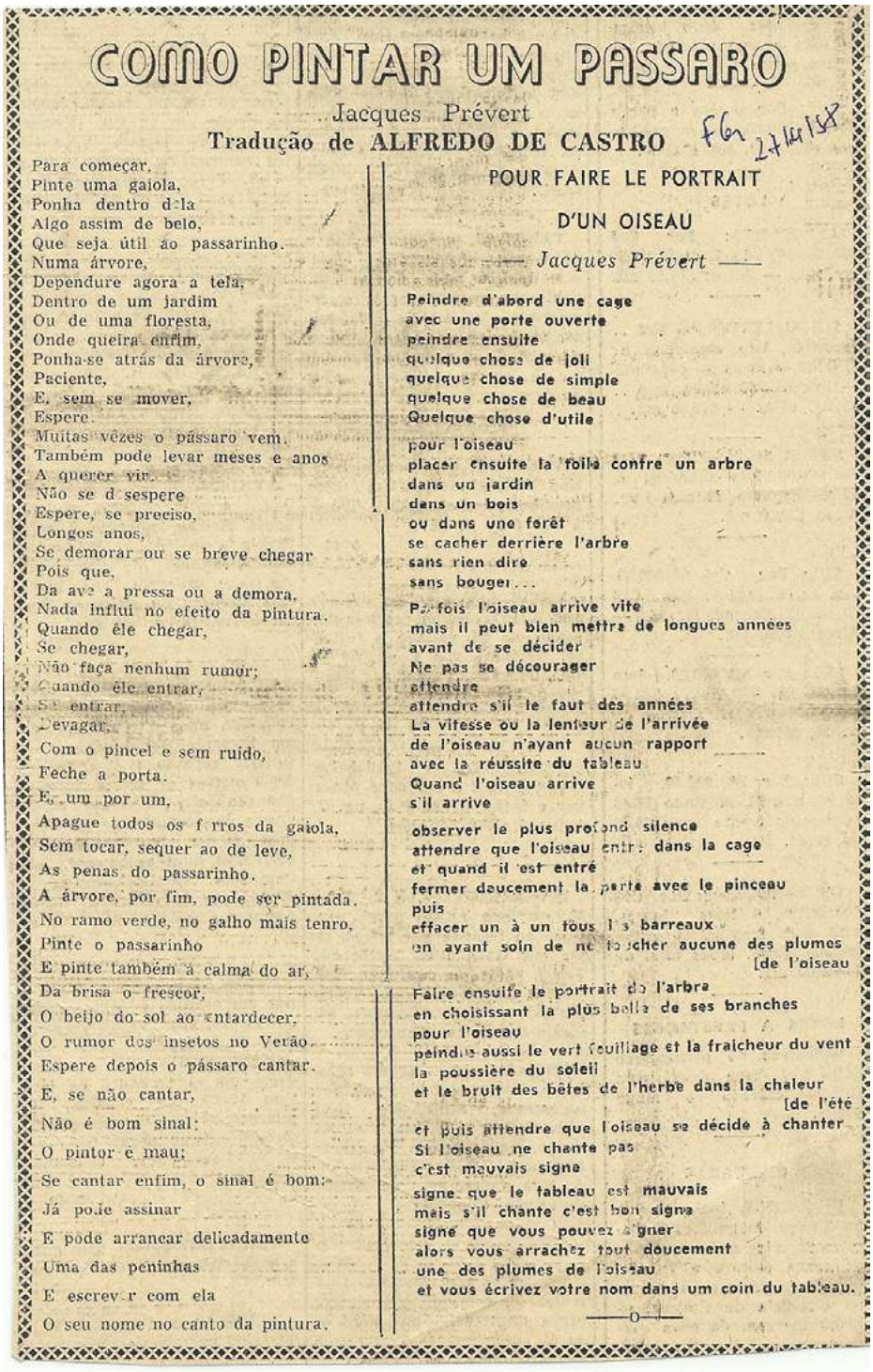

RESUMO DE GRAMMATICA
DA
LINGUA FRANCEZA,
OU
TRATADO DE GRAMMATICA FRANCEZA
ESCRITO POR M. L. BAUDE
PARA A OBRA PUBLICADA EM PARIZ,
ENCYCLOPÉDIE DES CONNAISSANCES UTILES,
Vertido, ampliado e augmentado
COM OS TRATADOS
De Prononcia, de Orthographia
de Analyse grammatical e logica,
EXTRAHIDOS
De outras grammaticas modernas e estimadas,
E DEDICADO
A ESTUDIOSA MOCIDADE GOIANA
Por seu patricio
Ignacio Antonio da Silva.
GOIAZ
No Largo da Matriz N.º 3.
1864.

Figura 1 - Tratado de Gramática Francesa dedicado a juventude Goiana, 1864
Fonte: Acervo Particular

Ficou também destacado na memória da Cidade de Goiás o papel do poeta e professor Alfredo de Faria Castro, que ensinava francês no Liceu, escrevia poemas nessa língua, traduzia autores franceses e publicava-os nos jornais locais, tais como o jornal *Folha de Goyaz* e o jornal *O Lar*, difundindo valores e imagens da cultura francesa nas primeiras décadas do século XX. Desse modo, a literatura é um documento precioso para investigar a mentalidade do período e as ações nele engendradas. Literatura e espaço são duas fontes fundamentais para compreender a constituição das paisagens culturais da Cidade de Goiás e Goiânia, e ambas receberam influências francesas que se tornaram referências, símbolos e patrimônio. De um lado está a arquitetura, como o aspecto mais visível e palpável do processo representativo que compõe a imagem urbana dessas cidades, como no caso de Goiânia, edifícios e monumentos *Art Déco*, citações de paisagens francesas parisienses e versalhescas. De outro lado está a literatura como a dimensão invisível, oculta nos antigos jornais. Muitos desses autores goianos não chegaram ter livros publicados, como é o caso de Alfredo de Faria Castro, porém, de acordo com Bento F. Curado (2017) era um grande difusor da cultura francesa em Goiás, (cf figura 2).



COMO PINTAR UM PASSARO

Jacques Prévert

Tradução de ALFREDO DE CASTRO

Para começar,
Pinte uma gaiola,
Ponha dentro d-la
Algo assim de belo,
Que seja útil ao passarinho.
Numa árvore,
Dependure agora a tela,
Dentro de um jardim
Ou de uma floresta,
Onde queira enfim,
Ponha-se atrás da árvore,
Paciente,
E, sem se mover,
Espere.
Muitas vêzes o pássaro vem,
Também pode levar meses e anos
A querer vir.
Não se d sespere
Espere, se preciso,
Longos anos,
Se demorar ou se breve chegar
Pois que,
Da ave a pressa ou a demora,
Nada influi no efeito da pintura.
Quando êle chegar,
Se chegar,
Não faça nenhum rumor;
Quando êle entrar,
Se entrar,
Devagar,
Com o pincel e sem ruído,
Feche a porta.
E, um por um,
Apague todos os f rros da gaiola,
Sem tocar, sequer ao de leve,
As penas do passarinho.
A árvore, por fim, pode ser pintada.
No ramo verde, no galho mais tenro,
Pinte o passarinho
E pinte também a calma do ar,
Da brisa o frescor,
O beijo do sol ao entardecer,
O rumor dos insetos no Verão.
Espere depois o pássaro cantar.
E, se não cantar,
Não é bom sinal:
O pintor é mau;
Se cantar enfim, o sinal é bom:
Já pode assinar
E pode arrancar delicadamente
Uma das peninhas
E escrever com ela
O seu nome no canto da pintura.

POUR FAIRE LE PORTRAIT
D'UN OISEAU

— *Jacques Prévert* —

Peindre d'abord une cage
avec une porte ouverte
peindre ensuite
quelque chose de joli
quelque chose de simple
quelque chose de beau
Quelque chose d'utile
pour l'oiseau
placer ensuite la toile contre un arbre
dans un jardin
dans un bois
ou dans une forêt
se cacher derrière l'arbre
sans rien dire
sans bouger...
Parfois l'oiseau arrive vite
mais il peut bien mettre de longues années
avant de se décider
Ne pas se décourager
attendre
attendre s'il le faut des années
La vitesse ou la lenteur de l'arrivée
de l'oiseau n'ayant aucun rapport
avec la réussite du tableau
Quand l'oiseau arrive
s'il arrive
observer le plus profond silence
attendre que l'oiseau entre dans la cage
et quand il est entré
fermer doucement la porte avec le pinceau
puis
effacer un à un tous les barreaux
en ayant soin de ne toucher aucune des plumes
[de l'oiseau
Faire ensuite le portrait de l'arbre
en choisissant la plus belle de ses branches
pour l'oiseau
peindre aussi le vert feuillage et la fraicheur du vent
la poussière du soleil
et le bruit des bêtes de l'herbe dans la chaleur
[de l'été
et puis attendre que l'oiseau se décide à chanter
Si l'oiseau ne chante pas
c'est mauvais signe
signe que le tableau est mauvais
mais s'il chante c'est bon signe
signe que vous pouvez signer
alors vous arrachez tout doucement
une des plumes de l'oiseau
et vous écrivez votre nom dans un coin du tableau.

—o—

Figura 2 – "Como pintar um pássaro", tradução do poema de Jacques Prévert por Alfredo de Faria Castro
Fonte: Folha de Goyaz, 1928.

Segundo Curado (2017), o Prof. Alfredo de Castro era responsável pela difusão da cultura francesa por meio da literatura; como professor do liceu, organizava junto à sociedade as tertúlias poéticas nessa língua ampliando tal difusão.

Se, de um lado na antiga capital, Cidade de Goiás, cultura e literatura recriavam esse universo de referências francesas, na nova capital, Goiânia, a própria paisagem com seus projetos urbanos e monumentos faziam uma citação direta ao modelo francês. Assim, outra personalidade importante na constituição desse francesismo na paisagem goiana é Atílio Corrêia Lima, arquiteto que vem para projetar Goiânia após realizar seus estudos em Paris e traz de forma emblemática para o plano da cidade referências francesas indeléveis, sobretudo de Versalhes que vão marcar o imaginário da cidade, determinando todo o traçado de Goiânia e sua paisagem no contexto da fundação em 1937. O *Art Déco* era a nova vanguarda em Paris a partir de 1925 e toda a cidade de Goiânia foi marcada por esse estilo, hoje presente como patrimônio cultural, reunindo um dos maiores acervos do *Art Déco* no Brasil. A nova capital, como a velha, dava continuidade a esse processo de fazer parecer, de criar referências e esse movimento na paisagem foi acompanhado por práticas, comportamentos e difusão literária que circulavam pela nova capital com imagens, signos linguísticos e plásticos a conectar a cidade ao que se creditava um novo modo de vida o mais próximo possível desse universo francês vindo de longe, visto de modo estético, estilístico e identitário. A vida, a partir dessas referências e influências, era vista também como um processo de glamourização, no qual conceitos de civilização, erudição e formas de pertencimento também estavam presentes.

Um exemplo desse contexto está nos significados atribuídos sob a projeção da Avenida Goiás em Goiânia, compreendida no início da construção como uma espécie de *Champs Élysée* para abrigar o comércio de luxo e os passeios do período. Tais paisagens foram constituídas neste universo de referências francesas, de um lado a Cidade de Goiás, antiga capital, através do vivido e de outro Goiânia, a nova capital, em forma de imagens urbanas e urbanidade que davam continuidade a esse processo de referências, gerando uma paisagem cultural de traços versalhescos e nas suas largas avenidas que tinham a intenção de serem, a seu modo, "bulevares à *la parisiense*".

No Plano de Goiânia, o cenário composto de avenidas, bulevares, praças e traçados geométricos revela semelhanças com a Paris de Haussman. O modelo haussmaniano adotava a regularidade de fachadas dos edifícios e dos gabaritos nos quarteirões, os grandes eixos monumentais, interceptados por praças e edifícios públicos. (Manso, 2001, p 100).

a)



b)



Figura 3 – Imagens de Goiânia
a) Estação Goiana. Icônico Edifício do Estilo Art Déco, no Centro de Goiânia.
b) Coluna. Detalhe do Estilo Art Déco, na Praça Cívica no Centro de Goiânia
Foto: a) e b) Valéria Cristina Pereira da Silva, 2012.

De acordo com Manso (2001), a leitura arquitetônica da cidade permite-nos observar muitas influências e, além da Paris haussmaniana, a Paris do *Art Déco,* também o traçado versalhesco como revela a figura 4.

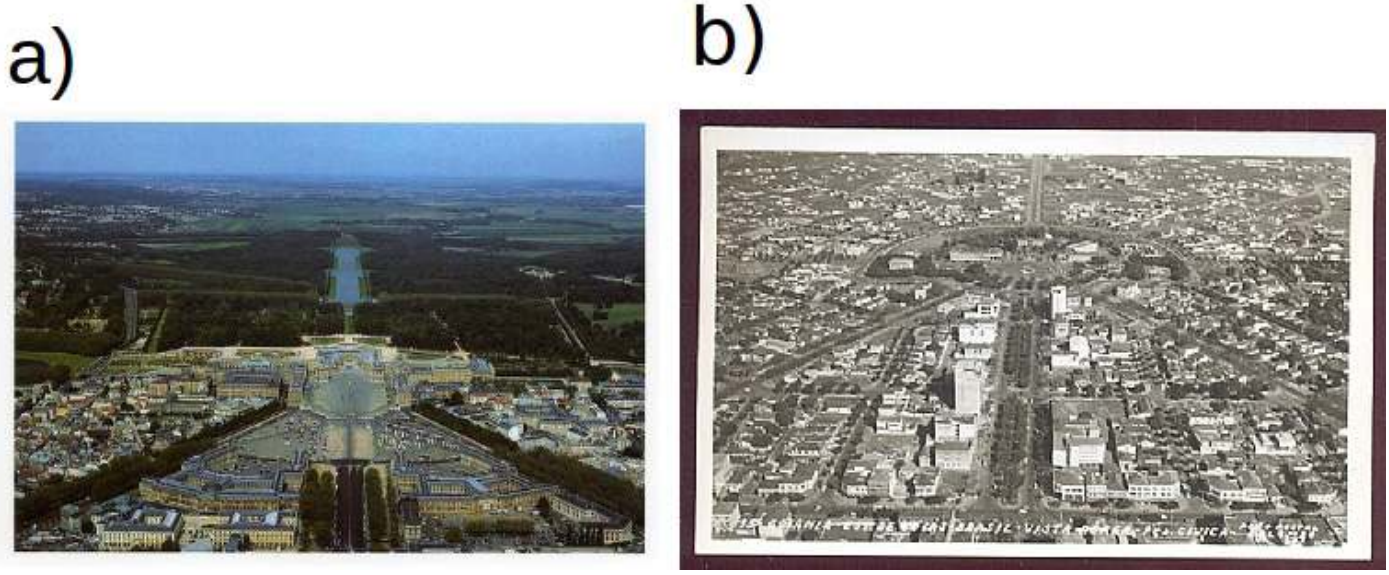


Figure 4: Vistas Aéreas a) Versalhes – França. b) Goiânia.
Fonte: a) Disponível em http://classconnection.s3.amazonaws.com/798/flashcards/772798/jpg/versailles_aerial_view1320856188488.jpg. Acesso em 20 de maio de 2017. b) Cartão Postal, 1957. Disponível em: http://www.riopostal.com.


O LAR

ORGAM LITERARIO E NOTICIOSO

NO IV — Redacção e Officina—Rua Moretti Foggia, 21. — Goyaz, 15 de Dezembro de 1929. — Collaboradores diversos — NUM. 80

CONCRETIZANDO UM NADA

CHANT DE NOEL

Bonnes gens, entendez-nous,
De très loin venons à vous,
Vous prier de nous aider
Doux Noël à bien fêter.

Meilleur sera le festin
Si vous apaisez la faim
Des pauvres que le Seigneur
A remis à votre coeur.

Donnez-nous pain et boudin,
Et bouteilles de vieux vin;
Car Jésus, mieux que grand même,
Aime à voir pauvre en liesse.

Donnez nous aussi des noix,
Puis quelques morceaux de bois,
Pour qu'une fois dans l'année
Fume notre cheminée.

Pour bien emplir nos paniers,
Ajoutez quelques deniers
Et, si demain vous mourez,
Au ciel tout droit vous irez.

Bonnes gens entendez-nous
Et nous prierons pour vous;
Puis quand votre jour viendra,
Noël vous exaucera!

MARIE-JOSEPHE

A INDECISÃO

OSCARLINA

Em homenagem ao Bemaventurado D. Bosco

Figura 5 - Canção de Natal francesa publicada na primeira página do Jornal O Lar em 1929.
Fonte: Acervo Particular

O segundo contato com a cultura francesa, porém, era advindo por meio das viagens à França realizadas pelos integrantes das elites econômicas locais que voltavam fascinadas com a aquele mundo e tentavam recriar o máximo possível uma "pequena França" nos seus espaços públicos e privados. O olhar estrangeiro, desse modo, era marcado pelo encantamento e pela tentativa de reprodução. Tal olhar é capaz de trazer uma nova sensibilidade, tanto para o visto em terras alhures, como para o rememorado e referenciado no local de origem. O viajante traz sempre um outro modo de ser. Assim, concordamos potencialmente com a concepção de olhar estrangeiro apresentada por Peixoto (1988, p. 363, destaques no original):

aquele não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. [...] Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de reviver histórias originais. Todo um programa se delineia aí: livrar a paisagem da representação que se faz dela, retratar sem pensar em nada já visto antes. Contar histórias simples, respeitando os detalhes, deixando as coisas como são. O estrangeiro toma tudo como mitologia, como emblema. Reintroduz imaginação e linguagem onde tudo era vazio e mutismo. Para ele estes personagens e histórias ainda são capazes de mobilizar. Ele é o único que consegue ver através dessa *imagerie*. Uma das encarnações mais recorrentes do estranho, do recém-chegado é *aquele que retorna*.

O olhar estrangeiro, assim, encontra, recolhe e traz elementos. Nas memórias da Cidade de Goiás está registrado que a primeira dama Comary Caiado de Castro viajou para Paris e, no retorno de uma visita a Versalhes em 1926, quis que a cidade tivesse um coreto que fosse uma reprodução-inspiração de um palacete existente no Petit-Trianon. E até hoje está o coreto como patrimônio e artefato principal na praça oficialmente denominada "Praça Dr. Tasso de Camargo"; mas destacada em voz geral como: *Praça do Coreto*, como paisagem-memória dessa influência francesa com seus signos e alegorias (ver figura 4). Tais influências vão, pouco a pouco, tornando-se referências na paisagem e configurando a imagem de Goiás.

Observamos que o olhar estrangeiro de brasileiros na França recolhia e guardava a experiência e as temporalidades captadas pelo olhar, como definiu Cardoso (1988, p. 358), a atividade de viajar é análoga a atividade de olhar nos seus traços e gestos, fazendo com que se revelassem a experiência a alteridade do viajante.

O terceiro contato do qual resultam essas influências e, talvez, um dos mais eficazes, veio dos estudantes que realizavam os estudos na Europa, inclusive na França. De modo semelhante aos viajantes e turistas, estes também traziam na "bagagem" um conjunto de referências-influências, que implicou na recriação desse universo francês, principalmente a partir da formação lá recebida. Essa educação resultou num conjunto mais amplo de intencionalidades, na literatura, no comportamento, nos gostos e resultou também em intervenções na vida urbana, nos traçados da cidade e, enfim, na paisagem cultural aqui estabelecida. Esse fenômeno permite-nos questionar que correspondências com a paisagem francesa essas cidades estabeleceram? Que autores eram lidos por esses poetas e escritores goianos? A partir dessas questões é possível refletir sobre a alteridade estabelecida com o universo de imagens francesas e paisagem cultural presentes em Goiás e Goiânia.

a)



b)



Figura 6 - Coretos. a) Edifício do Petit-Trianon que, possivelmente, inspirou o Coreto da Cidade de Goiás. b) Coreto, Praça do Coreto na Cidade de Goiás- GO
Foto: a) Valéria Cristina Pereira da Silva, 2010. b) Valéria Cristina Pereira da Silva, 2016.

Paisagem, literatura e imaginário

A própria ideia de urbanidade dessas duas cidades passa por práticas e gestos que reverberam na impressa literária e noticiosa representada pelo jornal *O Lar*. Neste jornal são evidenciados hábitos de consumo e visões de mundo que registram essas influências francesas.

Apesar do pretenso isolamento de Goiás (até mesmo do restante do Brasil), este estado acompanhava o movimento nacional que voltou os olhos para a Europa e, nesse momento, havia um canal de comunicação com a França e tal fato gerou singularidades nese processo de construção de alteridade e elaboração de referências. No período recortado e a partir dos autores selecionados percebemos uma mescla de traços simbolistas, bem como de romantismo e parnasianismo, todos de origem francesa. Dentre os escritores que podemos sublinhar com estes traços estão Erico Curado, Leodegária de Jesus, Augusta de Faro, Alfredo de Faria Castro e Oscar Leal. Por exemplo, várias obras detêm traços de influências literárias francesas ou mesmo registro de paisagens em que esta referência é identificada, como é o caso de Oscar Leal na obra *Viagens às Terras Goyanas – Brazil Central* (ver figura 7). Algumas dessas obras, inclusive, contam em parte com poemas publicados em francês. Por exemplo, Augusta de Faro fora educada em Paris e traz fortemente esses traços na sua obra.

Augusta de Faro Fleury Curado demonstra ser detentora de largo conhecimento de mundo e de cultura acima da média porque foi educada em Paris [...] onde vivera por dezoito anos. Nascida em Curitiba, em 1865, e falecida na cidade de Goiás, em 1929, a autora deixou ainda dois livros: *Devaneios* e *Ramalhete de Saudades,* impregnados de lirismo e francesismo, escritos numa linguagem requintada e sutil, bem ao gosto do princípio do século XX, quando o Brasil vivia sob os auspícios da *Belle Époque* [...]. A linguagem de Augusta de Faro Fleury Curado é marcada pelo requinte, impregnada de termos franceses... (CURADO, 2017, p/i).

Augusta de Faro é uma reconhecida autora paranaense, que passou boa parte de sua vida em Goiás, tendo publicado o livro *Devaneios*, *Ramalhete de Saudades* e um livro póstumo intitulado: *Do Rio de Janeiro a Goyaz - 1896*. De acordo com CURADO (2017), é notória a influência francesa da autora a partir dos relatos dos costumes, hábitos, modas e expressões que, sob essa influência cultural, realizariam uma exaltação da cultura francesa.

Augusta de Faro, em detrimento ao que é nacional, valoriza sobremaneira a qualidade de vida das grandes cidades, o conforto da vida citadina e a cultura francesa, superior às demais no pensamento daquele tempo, marcado pelo anseio do requinte e do luxo, e esse aspecto passou a fazer parte do fazer literário. A literatura brasileira passa a se inspirar diretamente em fontes culturais francesas [...] (CURADO, 2017, p/i).



Figura 7- Capa do Livro Devaneios de Augusta Faro, publicado pela primeira vez em 1890 e na segunda edição de 1988 foi acrescentado essa ilustração da própria autora
Fonte: Acervo Particular

No livro Devaneios, Augusta de Faro mescla lembranças e impressões de viagem. A gravura da capa, desenhada por ela mesma, é intitulada *Paisagem Noturna*. Com traços simbolistas, na gravura vemos um rio sem *Ofélia*, mas tal ambiência simbolista está constituída na imagem: o rio, a obscuridade, a paisagem emoldurada em arco semelhante a uma janela sobre a alma, plena de mistério, de brumas noturna e lunar.

A obra em prosa e verso mescla trechos e poemas em francês (ver figura 6). Tanto na literatura, como em seu cotidiano, esse paralelismo com a cultura francesa parece estar presente. A autora, na sua realidade de migrante para a Cidade de Goiás-GO, não perdeu o olhar que vinha da "atmosfera espiritual do grande centro mundial que é Paris" (Godoy, 1985, p.15), como consta na sua biografia.

L'ABSENT

Va, oh! ma triste pensée,
Te reposer sur son coeur,
Dis-lui que sa fiancée
Au loin périt de langueur!

Dis lui que son amour,
Fait mon bonheur, mon ivresse,
Et que por lui ma tendresse
S'accroit de jour en jour.

Quand la lune siblanche
Se montre dans le ciel bleu,
Sans le vouloir mon front se penche

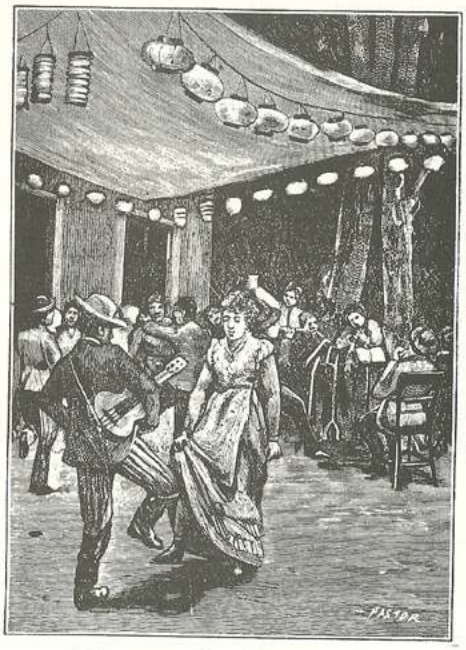
En songeant à ton dernier adieu,
Alors, mon triste coeur s'épanche,
Tout seul, aux pieds de Dieu!

Figura 8 - Poema em francês de Augusta de Faro
Fonte: FARO, Augusta. Devaneios. Reedição 1988

No círculo dos poetas goianos de 1890 a 1942, sobretudo na Cidade de Goiás, era comum que as reuniões e tertúlias poéticas ocorressem em língua francesa, aprofundando o teor estético e estilístico sonhado ao recriar e reiterar esse processo identitário que ia muito além de uma francofilia, podemos dizer que havia mesmo um "francesismo" estético e cosmético, no qual tudo que provinha desse país e de sua capital era imediatamente reconhecido como bom, belo, verdadeiro e, portanto, colocava em contato os homens de letras da região com a mais alta cultura.

Partimos pois na quarta feira, do famoso Barro Preto em direcção ao Bomfim, cuja distancia é de 20 leguas.

Logo adiante encontrei-me com a comitiva dos Srs. Cotta,



Um can-can no Barro Preto (Pag. 153)

Duarte e Moraes de Luziania, e na companhia dos Srs. Duarte e Aprigio continuámos a viagem. A's quatro horas da tarde passámos pelo arraial da Campininha, o logar mais in-

significante que conheci em todo o sul de Goyaz. E' uma povoação embryonaria, todavia dizem-me ser localidade de prospero futuro pelas magnificas terras das suas redondezas.

Comquanto o arraial da Campininha ou Campinas seja habitado, creio que a população dormia áquellas horas ou aliás é muito cazeira, porque não vi ninguem na rua. Mas para mostrar que «ninguem» é pêta, vou confessar que vi e ouvi uma pessoa.

Foi a Balbina, a Tiquita do Bomfim.

Era uma romeira que alli se achava de fálha por se ter sumido o seu cavallo. A Balbina fabrica optimos cigarros, falla que é um Deus nos acuda, tem uma voz *maviosa* e... lá me ia esquecendo... canta módas. E' mulher de cabellinho na venta mas muito delicada...

A's seis horas da tarde fizemos pouzo á beira de um corrego. Alli se achavam já nada menos de sete comitivas e seis pessoas atacadas da influenza.

Passei a noite na barraca, e no dia seguinte percebi que a molestia havia tambem tomado conta de mim.

No pouzo seguinte — Alzira — senti-me bastante mal, e sem querer usar de remedios em viagem, por falta de commodidades, limitei-me a agasalhar o melhor possivel e dormir.

Felizmente na manhã seguinte, julgando-me melhor, montei a cavallo e sem parar um momento que fosse, venci a distancia de seis leguas até casa de um tal Antonio de Padua onde tive uma mesa, para sobre ella estender o meu leito e passar a noite melhor, do que na barraca de campanha.

A 12 despertei com os gritos que dava a minha arara, que mais madrugadora que nós, pedia para a soltarem fóra do rancho. Zequinha despertou n'este dia tambem atacado da influenza; Moysés e Elesbão, arrieiro e cosinheiro egualmente se queixavam de dôres nas articulações. Eu ainda não estava restabelecido, e só a arara parecia livre do terrivel mal que da Europa passou aos sertões do Brazil.

Figura 9- Ilustração do Can-Can de Goiás, narrado por Oscar Leal na ocasião de uma romaria no arraial de Barro Preto em 1890
Fonte: LEAL, Oscar. Viagem por Goiás. 1890

As hipérboles do processo geravam, nas primeiras décadas de Goiânia, inclusive propagandas e anúncios utilizando-se de signos linguísticos franceses para valorizar e destacar seus produtos. Além disso, houve episódios pitorescos que estão registrados na história local, como o "*Can Can* do Cerrado" – a dança de cabaré francês – direto do *Moulin Rouge* para a quermesse nos rincões de Goiás!

O jornal *O Lar* (1926-1932) teve, então, grande importância no processo de difusão da cultura francesa na Cidade de Goiás. Tratava-se de um jornal essencialmente feminino, definido como órgão literário e noticioso, no qual várias expoentes da literatura regional publicaram, deixando registros da literatura francesa que era lida e reproduzida por essas mulheres escritoras e representantes desse modelo, como é o caso da escritora Augusta de Faro. As escritoras do Lar, como vemos (figura 10), ilustram a mulher feminista dos anos 1920, o cabelo e a indumentária também fazem parte desse estilo de vida no qual observamos também as influências francesas e a construção de alteridade bem como a elaboração de referências.

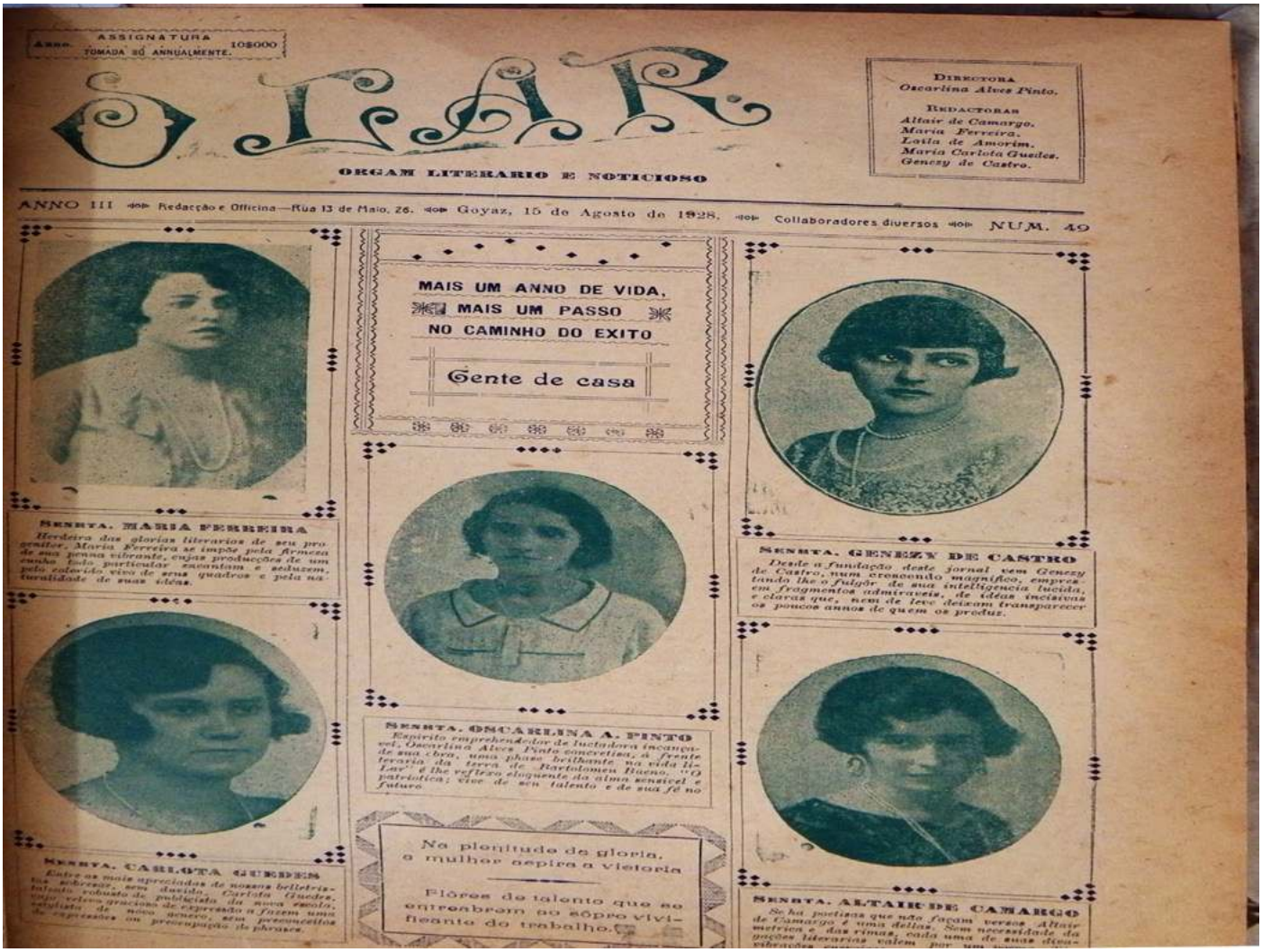


Figura 10 – Estilo de época – fotos das autoras do jornal "O Lar" – 1928-1929
Fonte: Jornal O Lar de 15 de agosto de 1928. Goiás

SPLEEN

A' s horas vesperaes, de funda nostalgia,
Em que se tinge o azul de um longe pardacento,
Quando ainda no occidente ardem restos do dia
E as águas vão confiando o seu segredo ao vento…
Horas, em que no brejo a saracura esguia,
Em trillos vae rezando um casto juramento,
E, lento e lento, vem a procissão tardia
Dos astros de oiro abrir-se à flor do firmamento,
Na minha mente, eu sinto erguer se multidão
Das saudades, visões de magua e de paixão,
Em que vejo o terror dos meus sonhos, coitados !...
Horas de desconforto, horas cheias de azures,
Nuvens que vão sumindo ao longe pelos ares,
Levando o funeral dos meus dias passados.
(CURADO, Erico. Soneto Spleen publicado no jornal *O Lar*, 1 de dezembro de 1927. Sic)

Vemos uma paisagem e nela um modo de vida em que a atividade literária é o grande cená-

rio. Esse poema intitulado *Spleen,* quando tomamos o seu sentido a partir da literatura francesa, remete-nos à expressão presente na obra de Charles Baudelaire e essa designa uma profunda melancolia, um estado existencial relativo à solidão, à morte ao sonho e a passagem, como a mensagem inscrita no poema que culmina com o funeral dos dias passados. Esses elementos simbólicos combinam-se com elementos de uma paisagem regional como a imagem da saracura esguia no brejo e a nostalgia do entardecer. O *Spleen* torna-se a melancolia vesperal de uma tarde sertaneja, plena de nuvens efêmeras, astros de ouro, de horizontes pardacentos e azuis em que o poeta Erico Curado empreende uma ourivesaria do imaginário, unindo as imagens regionais aos traços do simbolismo francês. Assim, o *Spleen* de Goiás tem os seus sentidos transmutados de uma outra nostalgia, de uma outra multidão, uma outra melancolia. O *Spleen* de Paris, de Baudelaire (2010), canta sua solidão na multidão, a perda da auréola de um anjo em plena modernidade e tantos grandes temas já estudados pela literatura e a filosofia. O *Spleen* do nosso poeta é a melancolia do entardecer com os sonhos dourados de uma metrópole que se acreditava o coração cultural do mundo. Mas a escolha, o título do poema, as palavras nos remetem as essas referências, as escolas que eram feitas e, de certa maneira, o modo com qual sonhavam e como recriavam esse sonho dentro das posses e possibilidades que tinham.

Considerações finais

O objetivo desse trabalho foi examinar como as referências francesas fixaram-se nesta paisagem cultural, trazendo para a antiga e para a nova capital de Goiás uma espécie de *Belle Époque* tardia. Paris, na dobradura do século XIX para o XX, torna-se o que denomino de uma capital do imaginário, suas imagens chegam aos trópicos e "irradiam" para usar uma expressão de Nicolau Sevcenko (1998). Ao forjar imagens no mais recôndito dos sertões, fixam em referências tanto espaciais quanto textuais e apresentam-se como permanências sensíveis desse imaginário; o qual buscaremos compreender na relação entre paisagem e literatura, olhar estrangeiro e alteridade. Para designar o que se pode compreender efetivamente como paisagem cultural a partir de uma geografia imaginária, literária e sensível, buscamos para além dos documentos, paisagem e literatura o que são as tramas intertextuais inseparáveis, conforme Silva (1999) e, neste sentido, as capitais goianas que receberam de maneira estética, estilística e ritualística as influências e referências francesas são paisagens urbanas intertextuais marcadas identitariamente em seu espaço, mas que, em determinada perspectiva, vão também criar um imaginário próprio. Assim, cabe sublinhar, por um lado, a força difusora e simbólica das longínquas terras francesas a partir dos processos de alteridade e, por outro, o cruzamento dessas referências e influências nesse espaço topográfico e literário de Goiás com sua singularidade imaginária. Desse modo, compreender como as elites locais voltaram seu olhar para a França e como geraram ações no local de modo distinto do modo como esse processo de influências europeias ocorrera no Rio de Janeiro ou em São Paulo no mesmo período, sendo marcadas por especificidades nesse espaço singular e que resultam no imaginário a partir de um olhar estrangeiro às avessas, ou seja, não somente o olhar europeu voltado para os sertões brasileiros, mas também um olhar brasileiro para Europa como elemento importante de alteridade.

Paris e Goiás (Cidade de Goiás e Goiânia) – a capital do imaginário e o sertão – esse par dialético é muito importante e inclui na perspectiva relações, identidades, escalas, temporalidades, paisagens lítero-imaginárias com suas toponímias, vivências, conteúdos e suas ressonâncias estéticas e simbólicas. O conjunto de vozes francesas na literatura e no espaço goiano, a partir de suas duas capitais, vai compor a sua paisagem lírica e cultural, sendo essa paisagem concebida como interface, tal como apresenta Claval (2012), transformando de modo mais profundo a maneira de analisá-la, operando um esforço para retornar as sensações aos estados d'alma para além das fixações sucessivas que olho pode abarcar. Propor essa interface paisagem e literatura é compreender outras sinestesias perceptivas desse universo simbólico.

De 1890 a 1942 é o período em que a pátina de imagens referenciais se intensifica, é o período no qual surge e se consolida a produção literária de Goiás – com o surgimento da Academia Goiana de Letras, criada em 1904 na Cidade de Goiás e instalada definitivamente em Goiânia em 1939. Esse processo vai até 1942, ano emblemático para a cidade de Goiânia quando ela recebe o

chamado batismo cultural, momento que demarca uma passagem plena também de simbolismos e no qual a cidade se abre a outras influências. Nesse momento, a Cidade de Goiás mantinha-se estagnada devido à mudança que ocorrera em 1937 com a transferência da capital, o que fez com que suas formas fossem mantidas até o processo de patrimonialização pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1978 e, em 2001, quando a cidade se tornou patrimônio da humanidade pela Unesco.

É fundamental compreender o simbolismo desses referenciais franceses como processo que deu marcha à identidade cultural desses espaços, pois isso lhes constituiu. Paisagem e literatura são vistas como traços fundamentais nesse processo de criar e recriar e são geradores do urbano, de modos de ser e de sentir.

Ao estabelecer uma relação entre paisagem e literatura, abrimos uma janela para o sensível, no qual se faz presente o cruzamento de diversos tipos de imagens que correspondem a traços de memória e do imaginário e é isso que constitui verdadeiramente a paisagem urbana, como afirma Peixoto (2003). A literatura pode interferir num lugar, numa paisagem. Em um duplo trânsito, a literatura tanto se apropria e cristaliza o imaginário social da cidade, como é responsável por criar novas imagens intensificado esse imaginário e seu simbolismo. Além de registrar a paisagem, o espaço-tempo, a memorábilia de uma cidade, percebemos também que há questões bastante profundas, muito além de descrições e registros. Numa dobra de invenção, a literatura que registra, descreve e guarda aspectos do tempo é também capaz de modelar um espaço, imprimir-lhe uma estética ou até mesmo uma ética, conforme Silva (2015). Como apresenta-nos Sansot (2004, p. 612). "À l' évidence du bonheur litéraire, celle de l'inspiration des citadins. À l'éclat poétique de quelques livres l' incontestable émergence de certains lieux". Assim, a cidade é por excelência o lugar da vivência literária, onde o texto urbano transforma-se em páginas escritas. Contudo, tanto a literatura como a cidade são detentoras de uma paisagem intercambiável e plena de sentidos.

A compreensão das singularidades dessas referências em Goiás e o modo como foram apropriadas consistiram num escopo estético, estilístico e ritualístico que foi um pouco além da incorporação de imagens, implicou num viver imaginário de uma *Belle Époque* tardia, recriada aqui, por meio da constituição de espaços referenciais na paisagem, na literatura e nas práticas, representadas em Goiânia, por exemplo, principalmente pelo *Art Déco* e pelos traços franceses na arquitetura. O que se buscou foi apresentar esse imaginário, delineando a origem das imagens.

Referências

AGUIAR, Luiz Antônio. A paris de Hemingway. In: HEMINGWAY, Ernest. **Paris é uma festa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, p. 11-14.

BACHELARD, Gaston. **A Chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.

BARBOSA, Jorge Luiz; MELO Paisagens naturais nos Estados Unidos: signos, simulacros e alegorias. **Espaço e Cultura**, n.5, p. 43-53, 1998.

BATISTA, Marta Rossetti. **Os artistas brasileiros na Escola de Paris**: anos 1920. São Paulo: Editora 34, 2012.

BAUDELAIRE, Charles. **O esplim de Paris**: pequenos poemas em prosa. São Paulo: Martins Claret, 2010.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL (Org.). **Geografia cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto. (Org.) **Olhar**. São Paulo:

Cia das Letras, 1988. p. 347- 360.

CLAVAL, Paul. Paisagem Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). **Geografia cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

CURADO, Augusta de Faro Fleury. **Devaneios**. Goiânia: Secretária de Estado da Cultura, 1988.

CURADO, Bento Alves Araújo Jaime Fleury. **Diários e devaneios poéticos de uma ilustre dama nos sertões de Goiás**. Goiânia, material digital, 2017. [no prelo]

CURADO, Bento Alves Araújo Jaime Fleury. Inventário das cinzas: brasas dormentes da produção literária sobre o cerrado em Goiás. 2016. 887f. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

CURADO, Erico. **Poesia**. Goiânia: Hugo de Carvalho Ramos, 1956.

FRANCO, Marcelo. Eterna meia-noite em Paris. **Revista Bula**. Disponível em: http://www.revistabula.com/2523-eterna-meia-noite-em-paris/ Acesso em 05 de julho de 2014.

GODOY. Maria Paula Fleury de. **Do Rio de Janeiro a Goiás** -1896- A viagem era assim. Goiânia: Edição da Autora, 1985.

HEMINGWAY, Ernest. **Paris é uma festa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HOLZER, Werther. Paisagem, Imaginário, Identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: CORRÊIA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Org.) **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

JORNAL FOLHA DE GOYAZ, como pintar um pássaro tradução de Jacques Prevert por Alfredo Faria de Castro, Cidade de Goiás, 1928.

JORNAL O LAR. Chant de Noel, Cidade de Goiás 15 de dezembro de 1929.

LEAL, Oscar. **Viagens às terras goyanas**. Goiânia: Editora UFG, 1980.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu** -1800-1900. São Paulo: Boitempo, 2003.

MANSO, Celina Fernandes Almeida. **Goiânia**: uma concepção urbana, moderna e contemporânea – um certo olhar. Goiânia: Edição da Autora, 2001

MONS, Alain. **Les lieux du sensible**: villes, hommes, images, Paris, CNRS Éditions, 2013.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Reminiscências** - Goyaz d'antanho. Goiânia: Editora Oriente, 1974.

NOUVEL, Pascal ; LIBIS, Jean (Dir.). **Gaston Bachelard**: un rationaliste romantique. Dijon, Centre Gaston Bachelard de recherches sur l'imaginaire et la rationalité, 2002.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Senac, 2003.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1988. p. 361- 365.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

ROMANCINI, Sônia Regina. **Cuiabá**: paisagens e espaços da memória. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

SANSOT, Pierre. **Poetique de la Ville**. Paris : Payot & Rivages, 2004.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). **Geografia cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 513-619.

SHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

SILVA, Maria Luiza Berwanger da. **Paisagens reinventadas**: traços franceses no simbolismo sul-

rio-grandense. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. A imagem e o imaginário da cidade paradigmática: uma leitura do espaço-tempo no filme Meia Noite em Paris. **Revista Internacional de la Imagen**, vol. 2, n. 1, p. 51-63, 2015.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Goiânia Imaginaire: la ville, ses tons, ses temps à la croisée du Paysage et de la littérature publicado. In: OLIVIERI-GODET, Rita (Org). **Cartographies littéraires du Brésil actuel**: espaces, acteurs et mouvements sociaux. Bruxelas: Peter Lang, 2016.

Notas

1. Trabalho elaborado a partir dos resultados de projeto com o apoio financeiro do CNPq sob a temática da paisagem cultural e as sensibilidades urbanas. Desenvolvido junto ao GEIPaT – Grupo de Estudos de Imaginário, Paisagem e Transculturalidade e LAGICRIARTE – Laboratório de Geografia, Imaginário Criatividade e Arte-Universidade Federal de Goiás – UFG.
2. Tomamos aqui a conceituação de Peixoto (2003, p. 28) para o qual, o invisível não é algo que está além do que é visível, mas é simplesmente alguma coisa que não conseguimos ver. Uma visão em potencial.
3. Entrevista realizada em 10 de abril de 2017 com autor e pesquisador *Bento Alves Araújo Jaime Fleury Curado*, além do seu depoimento, contamos com o seu apoio a partir da disponibilização de documentos e imagens de parte seu acervo particular. O autor é ainda doutor na área de geografia e literatura, assessor do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e fundador da Academia Trindadense de Letras.
4. Esta pesquisa contou com o apoio de *Bento Alves Araújo Jaime Fleury Curado*, a partir entrevista e da disponibilização de documentos e imagens de parte seu acervo particular. Contou também com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.
5. Ver Jhon Everett Millais, Ofélia, 1851-1852, 75x112cm. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Everett_Millais#/media/Ficheiro:John_Everett_Millais_-_Ophelia_-_Google_Art_Project.jpg Acesso em 04 de janeiro de 2020.
6. O sertão aqui é compreendido tal qual descreveu Guimarães Rosa, ou seja, de maneira alargada. Assim, devido a distância geográfica e o isolamento essas cidades no período considerado eram, mesmo sendo capitais de estado, vistas como sertão. Aqui tudo era sertão e esse imaginário permanece ainda hoje.
7. A evidência do êxito literário é a inspiração dos citadinos. Para o desabrochar poético de qualquer livro é incontestável a emergência de certos lugares (Tradução livre da autora).